

[310]

Conceitos e valores

José Eli da Veiga

Valor - sexta, 26 de agosto de 2022, p. A15

Nada impede que o movimento na direção da sustentabilidade exija choques renovadores de destruição criativa.

Em vários tipos de diálogos, que vão de entrevistas a palestras ou aulas, continua muito frequente a solicitação de que o ‘conceito de sustentabilidade’ seja exposto. Situação que requer prévio esclarecimento sobre o que é ‘conceito’, seguido da sugestão de que o enunciado mais correto da pergunta seria ‘o que é sustentabilidade’?

Por razões que só os estudiosos da linguagem poderão apontar, a palavra ‘conceito’ foi demasiadamente banalizada. Passou a ser usada como mero sinônimo de ‘ideia’ ou de ‘noção’. Um problema que gera sérias dificuldades para seu uso em termos científicos ou filosóficos.

Nas ciências e na filosofia, os conceitos são poucos, para não dizer raros, pois sempre dependem de lentas fermentações em comunidades disciplinares. Depois de adotados, tendem a ser muito mais estáveis nas ciências exatas, com destaque para a matemática, do que nas ciências da vida, nas humanidades e na filosofia. Ainda assim, em nenhuma destas áreas do conhecimento, mesmo nas mais interdisciplinares, há proliferação de conceitos. Por mais criativos que sejam seus pesquisadores na invenção de neologismos, tais crias dependem de muita maturação e triagem coletivas até poderem ser considerados conceitos.

É o que confirma ensaio de primeira linha, altamente esclarecedor, recentemente publicado pela Editora Vozes: *O Uso dos Conceitos*, do professor José d’Assunção Barros. O mínimo que se pode tirar de tal leitura é que, para uma palavra se tornar um conceito, é preciso que seu sentido seja, ao menos, razoavelmente consensual nas comunidades que dela se servem. Pode haver inúmeras interpretações teóricas divergentes sobre as forças de ‘gravidade’, mas todos os físicos entendem exatamente o mesmo, quando usam o vocábulo ‘gravidade’.

O extremo oposto se dá com o substantivo ‘sustentabilidade’, oriundo da quarentona expressão ‘desenvolvimento sustentável’. Quando esta veio a público, em 1980, no subtítulo de importante relatório estratégico da IUCN, havia intenso debate sobre a possibilidade de o ‘desenvolvimento’ ser um conceito, tendo por principal candidata a proposta de ‘desenvolvimento como liberdade’, do grande pensador Amartya Sen. Controvérsia que ficou extremamente confusa, quando tal candidato a conceito foi adjetivado por expressão que, até ali, só era usual entre engenheiros florestais e de pesca.

Foi em tal circunstância que o substantivo ‘sustentabilidade’ emergiu como um novo valor, à altura de outros, já legitimados, como, por exemplo, os da tríade da Revolução Francesa, Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Na contramão dos conceitos, são bem improváveis eventuais compreensões comuns sobre os valores. Tome-se, por exemplo, a ideia de felicidade. Chega a ser unânime o entendimento dos motivos que fazem infeliz quem é deixado por um ente querido, ou quem é atirado no desemprego. Mas isto não enseja ínfimo acordo sobre como entender a noção de felicidade.

É este tipo de contraste que impossibilita o surgimento de definições precisas para certas ideias, algo ignorado pelas inocentes queixas de que falta uma para ‘sustentabilidade’.

Não levam em conta que se está diante de novíssimo valor, que só começou a se firmar mais de meio século após a adoção, na ONU, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948. Sem que tenha merecido destaque, seis meses depois da Rio-92, na conferência mundial sobre direitos Humanos de Viena. Absurdo que, por incrível que pareça, só mudou, um pouco, há exatamente um mês, com a resolução 76/300, adotada por 161 países.

Sustentabilidade é o primeiro valor a dar atenção às futuras gerações. Isto é, a evocar a responsabilidade contemporânea pelas oportunidades, conjunto de possibilidades e direitos, que nossos trinetos e seus descendentes terão alguma chance de usufruir. Não há, portanto, resposta simples, direta e, muito menos, definitiva, para ‘o que é sustentabilidade’? Por isto mesmo, é preciso tomar muito cuidado com abusos vulgares, cometidos em seu emprego.

Contudo, também não há como interditar sua apropriação em outras situações e, ainda menos, proibir o uso figurativo que já se consolidou: dizer que é sustentável o comportamento de uma organização, empresa ou indivíduo, quando seguem código ético de responsabilidade socioambiental. Ou que tal código foi respeitado na produção e comercialização de alguma mercadoria ou serviço.

Nada garante que tais condutas ou procedimentos sejam realmente sustentáveis, mas esta foi a imagem socialmente eleita para comunicar que se está a fazer sério esforço em tal direção.

No caso de organizações, particularmente de empresas, é fundamental entender que a sua durabilidade não é um requisito da sustentabilidade. Ao contrário da crença ‘ESG’, que se generaliza, pode ocorrer até o inverso. Nada impede que o movimento na direção da sustentabilidade exija choques renovadores de destruição criativa. Assim como nos ecossistemas, o que está em risco é a resiliência do conjunto, não a durabilidade específica de seus indivíduos, famílias, grupos, ou, mesmo, espécies.

José Eli da Veiga é professor sênior do Instituto de Estudos Avançados da USP: www.zeeli.pro.br